

O avanço do fundamentalismo católico nas redes sociais no Brasil

The advance of catholic fundamentalism
in social networks in Brazil

*Ney de Souza

**Marcelo Lanfranchi

Resumo

A polarização política nos últimos anos, com ondas de populismo à direita e à esquerda e o consequente debate ideológico vem alcançando milhões de pessoas em redes sociais como *YouTube*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. O crescimento e grande alcance dessas redes sociais tem servido como uma ferramenta muito poderosa para grupos católicos conservadores como os Arautos do Evangelho, Centro Cultural Monfort, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira e Centro Dom Bosco. Esses grupos têm em comum o discurso contra a Teologia da Libertação, o avanço do comunismo ou o que por eles é chamado de “ideologia de gênero”. Assumem também posições religiosas anteriores ao Concílio Vaticano II e são ferozes críticos do papado de Francisco.

Pretende-se com este trabalho analisar a influência desses grupos nas comunidades católicas do Brasil tendo como foco o discurso religioso, moral e político.

Este estudo se baseia na leitura de materiais dos sites das instituições acima citadas, bem como em suas redes sociais, principalmente no *YouTube*.

Palavras-chave: Tradição. Conservadorismo. Fundamentalismo católico. Redes sociais.

* Doutor em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG-Roma).
Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP).

Contato: nsouza@pucsp.br

** Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
Professor na Universidade São Judas Tadeu. Contato: malanfranchi@yahoo.com.br

Revista de Cultura
Teológica

Texto enviado em
29.08.2022

Aprovado em
23.09.2022

Ano XXX - Nº 102
Mai - Ago 2022



Programa de Estudos
Pós Graduação em
Teologia - PUC/SP

Abstract

Political polarization in recent years, with waves of populism on the right and left and the resulting ideological debate, has reached millions of people on social networks such as YouTube, Facebook, Instagram and Twitter. The growth and wide reach of these social networks has served as a very powerful tool for conservative Catholic groups such as the Heralds of the Gospel, Centro Cultural Monfort, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira and Centro Dom Bosco. These groups have in common the discourse against Liberation Theology, the advance of communism or what they call “gender ideology”. They also take religious positions prior to the Second Vatican Council and are fierce critics of Francis’ papacy.

The aim of this work is to analyze the influence of these groups on Catholic communities in Brazil, focusing on religious, moral and political discourse.

This study is based on reading materials on the websites of the aforementioned institutions, as well as on their social networks, especially YouTube.

Keywords: Tradition. Conservatism. Catholic fundamentalism. Social networks.

1. Introdução

Mais de um século após o Papa criticar o modernismo em sua encíclica *Pascendi Dominicus Gregis* (Papa Pio X, 1907) e mais de 50 anos após o Concílio Vaticano II, que propôs um *aggiornamento*, aproximando a Igreja da sociedade e propondo mudanças que trouxeram um maior sentimento de acolhimento e misericórdia da Igreja pra com o povo sem condenações ou proibições, ainda hoje encontram-se vivos e atuantes movimentos conservadores no seio da Igreja que se colocam contra a liberdade religiosa, a opção preferencial pelos pobres e o Missal de Paulo VI, como a única forma válida da Santa Missa.

Dentre os conservadores católicos, notam-se a exposição nas redes sociais do Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, Frei Tiago de São José, Bernardo Küster, Arautos do Evangelho, Associação Cultural Montfort, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira e Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura. Todos esses grupos e pessoas em maior ou menor grau, carregam o pensamento defendido pelos bispos Dom Geraldo de Proença Sigaud e Dom Antônio de Castro Mayer, membros do grupo *Coetus Internationalis Patrum* que defendiam uma posição mais conservadora durante o Concílio Vaticano II.

Dom Sigaud e Dom Mayer mantiveram proximidade com Plínio Corrêa de Oliveira e a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Sociedade (doravante chamada de TFP), associação civil de inspiração católica tradicionalista fundada em 1960 que tinha como objetivo o combate às ideias maçônica, socialista e comunista.

Neste trabalho pretende-se mostrar o desenvolvimento e o trabalho das entidades derivadas da TFP e do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, por se tratar de um dos maiores expoentes conservadores do Brasil no século XX.

2. O Movimento Conservador nos Anos 60

A Igreja Católica entre o final do século XIX e até a metade do século XX se mostrou muito preocupada com o avanço do modernismo e suas consequências nas áreas moral, religiosa e de costumes. Surgiram novos padrões morais e de pensamento, novos modelos econômicos, bem como também familiares. Durante todo esse tempo a Igreja Católica esteve entre a presença na sociedade civil e a luta pela continuidade de sua influência na esfera estatal e eleitoral.

Nesse contexto, o Papa João XXIII convoca em 1961, através da bula papal *Humanae Salutis*, o Concílio Vaticano II, com o propósito de situar a Igreja em seu tempo.

Durante os quatro períodos de trabalhos do Concílio Vaticano II (abertura em 11 de outubro de 1962 e encerramento em 8 de dezembro de 1965) houve uma batalha entre alguns grupos de padres conciliares: um grupo ultraconservador, completamente contrário a teorias modernistas e um grupo progressista, antirromano, que buscava uma igreja mais próxima do diálogo com a sociedade moderna, a favor de uma “*Igreja ad extra*” e críticos ao que chamavam de “*teologia do Denzinger*”. Havia também uma terceira linha, esta composta pela maioria dos padres conciliares, que eram moderados ou conservadores e propunham mudanças e atualizações, mas sem se afastar do que chamavam de “*Tradição da Igreja*”. O termo conservador ou conservadorismo é assim definido por Silva:

O conservadorismo constitui, portanto, uma resposta às teorias progressistas (modernas) que se distanciam da visão tradicional sobre o homem; no lugar desta, a ideia da história

humana enquanto um processo aberto e pleno de possibilidades para o autodomínio do homem sobre a natureza e uma maior compreensão de si mesmo, tendo como núcleo central não mais a religião e os costumes tradicionais, mas o indivíduo que age racionalmente. [...] O conservadorismo pode ser interpretado enquanto uma doutrina negativa da reação. Esta doutrina expressa o pensamento e os interesses da aristocracia agrária, semifeudal, diante dos desafios da Revolução Francesa, portanto, datada historicamente; ela representa uma postura defensiva negativa de uma classe em decadência.” (SILVA, 2010 p. 54).

O grupo conservador colocava-se contra todas as teorias modernas, contra a “*nouvelle théologie*”, contra o comunismo e instituições como a Maçonaria, o Lions Club e o Rotary Club e em defesa da Tradição da Igreja e das instituições romanas.

“O grupo representava a linha conservadora em toda a sua pureza, e seus membros mais importantes tinham laços estreitos com partidos políticos e ideologias. Um dos fundadores e forças motrizes era Geraldo de Proença Sigaud arcebispo de Diamantina, Brasil. Ligado a grupos politicamente reacionários no Brasil e no exterior, Sigaud temia tudo que pudesse, em sua opinião, de modo concebível, despertar revolução. Obcecado pelo medo do comunismo, tinha mais medo ainda dos subversivos dentro da Igreja – socialistas cristãos, Jaques Maritain e seus discípulos (questão Igreja-Estado), Teilhard de Chardin e todos os “evolucionistas”. Segundo ele, católicos como esses praticavam uma “estratégia do cavalo de Tróia” que, se não fosse reprimida, destruiria a Igreja a partir de dentro”. (O’MALLEY, 2014, p.125)

Dom Geraldo de Proença Sigaud, assim como Dom Antônio de Castro Mayer, bispo da Diocese de Campos, faziam parte de um grupo de brasileiros que se colocavam contra tendências modernistas, que segundo eles estavam deturpando a fé e a moral católica. Um assunto que preocupava profundamente Dom Sigaud era o comunismo e ele, juntamente a outros padres conciliares, pediam a condenação do comunismo pelo Concílio Vaticano II.

“O tema do comunismo, muito próximo da questão da liberdade religiosa e da questão mariana, já que os bispos pediam a consagração do mundo e, especialmente da Rússia – onde as perseguições aos cristãos eram contínuas -, ao Coração Imaculado

de Maria foi um daqueles que mais movimentaram Sigaud e Mayer nos bastidores do Concílio.

Sigaud, um aficionado pela temática, já havia publicado, inclusive, um *Catecismo Anticomunista*, antes de sua chegada ao Concílio. Na verdade, desde a década de 1930, Sigaud, muito próximo ao grupo do jornal *O Legionário*, de Plínio Corrêa de Oliveira, já se imbuía de uma tradição fortemente anticomunista, o que aparecerá no Concílio. Entre os padres antimodernos corria a ideia de que a presença da maçonaria e do comunismo visavam a impor ao Concílio suas supostas teses heréticas e contrárias à tradição.” (CALDEIRA, 2012, p. 1020)

Um expoente fundamental e inspirador para muitos tradicionalistas brasileiros, ao qual estavam ligados Dom Sigaud e Dom Mayer, era Plínio Corrêa de Oliveira. Sobre ele, discorre De Mattei:

“No Brasil, Plínio Corrêa de Oliveira, com pouco mais de trinta anos, era já o expoente mais notável do movimento católico. Em 1932, aos 24 anos, tinha promovido a formação da Liga Eleitoral Católica, em cujas listas fora eleito, no ano seguinte, para a Assembleia Constituinte, sendo o deputado mais jovem e mais votado de todo o país. Dirigia o semanário católico *O Legionário* e, em 1940, foi um dos fundadores da ação católica de São Paulo, de cuja junta arquidiocesana tinha sido nomeado presidente. Em junho de 1943, publica *Em defesa da Ação Católica*, com prefácio do núncio, Benedetto Aloisi Masella, e *imprimatur* da diocese de São Paulo. Esta obra, dividida em cinco partes, era a primeira resposta de fundo aos desvios que se faziam sentir no interior da Ação Católica no Brasil e no mundo em geral, sobretudo, no que dizia respeito à liturgia, à espiritualidade e aos métodos de apostolado e ação.” (DE MATTEI, 2013, p.72)

Também nos últimos anos, inspirados por Plínio Corrêa de Oliveira, principalmente nas redes sociais, têm surgido grupos tradicionalistas e conservadores, que se dizem preocupados com a doutrinação comunista, com as transformações sociais e religiosas e com o avanço de ideias progressistas.

Ambos, a ala tradicionalista formada por padres conciliares durante o Concílio Vaticano II e os conservadores católicos atuantes nas redes sociais, almejavam um retorno ao *status quo* anterior ao Concílio, não só em termos de doutrina, moral e costumes, como também do poder da Igreja perante o governo

e a sociedade civil.

3. Plínio Corrêa de Oliveira

Sobre Plínio Corrêa de Oliveira, diz Caldeira:

“Plínio Corrêa de Oliveira é uma personagem central do pensamento católico conservador no Brasil, já que é ele que fundará a TFP, em 1960, e que congregará em torno de si os dois bispos antimodernos que terão papel de destaque nos trabalhos do Concílio Vaticano II: Geraldo de Proença Sigaud e Antônio de Castro Mayer. Nas atitudes de Plínio no movimento leigo brasileiro e, principalmente em seus escritos, que vão desde os anos 1930 até 1990, quando falece, é possível perceber um claro exemplo do pensamento católico antimoderno no Brasil. Com seu carisma e inteligência, foi a grande figura que catalisou de forma drástica os anseios do movimento que foi perpetrado por Dom Leme a fim de trazer o catolicismo novamente para um lugar de destaque.” (CALDEIRA, 2011, p. 90)

Doutor Plínio nasceu em 13 de dezembro de 1908, filho de João Paulo Coelho de Oliveira, descendente de senhores de engenho em Pernambuco e de heróis da guerra contra os holandeses, e de Lucília Ribeiro dos Santos, pertencente a uma das mais tradicionais famílias da cidade de São Paulo. Pela posição social devida às famílias de seus pais e pela sua educação, pode-se dizer que Plínio ocuparia aqui no Brasil um status muito próximo à da nobreza europeia da época. Esse fato fez com que ele recebesse a melhor educação possível para um jovem de seu tempo.

Plínio fez os estudos secundários no [Colégio São Luís](#), pertencente à [Companhia de Jesus](#), de [São Paulo](#), e diplomou-se no ano de 1930, em [Ciências Jurídicas e Sociais](#) na [Faculdade de Direito do Largo de São Francisco](#). Em 1928 ingressou no movimento de jovens das [Congregações Marianas](#) de São Paulo. Logo tornou-se o principal líder deste movimento em todo o Brasil, destacando-se pelos seus dotes de orador, conferencista, escritor e homem de ação.

Devido ao seu convívio com os jesuítas do Colégio São Luís e sua educação de forte influência francesa, dada por sua governanta Mathilde Heldmann, Plínio viria a ser tornar um forte e inflexível combatente contra os modos decadentes da sociedade de seu tempo (cf. DE MATTEI, 1996, p. 52).

Depois de poucos anos como consagrado mariano em Santa Cecília, Plínio assume a direção do periódico oficial da congregação, *O Legionário*. Esse jornal teve como característica uma luta sem trégua contra a onda comunista que, segundo eles, assolava o Brasil:

“Contra esse novo socialismo, como outrora contra o liberalismo, a atitude dos católicos no mundo inteiro, mas sobretudo na Europa, só pode ser uma: um combate decidido, franco, inflexível, destemido”. (DE MATTEI, 1996, p.105)

O grupo dirigido por Plínio se mostrava inflexível quanto a qualquer pensamento político moderno ou liberal que fosse por eles classificado como comunista ou socialista, já que ambos eram vistos como perigosos e contrários à doutrina católica.

Sobre o periódico, afirma Caldeira:

“O *Legionário* via o progressismo como a ameaça que corroía a autoridade da Igreja. Parece que dentro do conceito progressismo colocavam todas as ideias defendidas pelos movimentos de renovação que haviam nascido desde o fim do século XIX e que perpassou toda a primeira metade do século XX, tendo seu ápice com o Concílio Vaticano II (1962-1965)”. (CALDEIRA, 2011, p. 99)

Em junho de 1943, em seu livro intitulado “*Em Defesa da Ação Católica*”, Plínio refuta os erros progressivos que surgiam no seio da Ação Católica e que refletiam na sociedade civil. Dentre os erros apontados pelo autor, podemos citar: o igualitarismo entre o leigo e o sacerdote, o apostolado da infiltração, o desejo da impunidade e do indiferentismo religioso, imoralidades nas vestimentas das mulheres, a crença na santificação automática com a liturgia, a falsa vida interior, os ambientes imodestos como carnavais, praias e bailes.

Em 1944, com a morte do arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar, assume Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta e Plínio Corrêa de Oliveira perde seu prestígio e a presidência da Ação Católica e em 1947 é afastado também da direção do *Legionário*.

Porém, em 1951, Dom Antônio de Castro Mayer fundou em Campos o pe-

riódico “*Catolicismo*” e seu grupo editorial era composto por antigos colaboradores do “*Legionário*”. Sua liderança coube a Plínio. É nesta revista que foi lançado, em 1959, sua principal obra: “*Revolução e Contra Revolução*”, que teve tradução para mais de 10 idiomas, com 26 edições.

Em 26 de julho de 1960 foi fundada a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a TFP, uma sociedade de caráter cívico e cultural, de inspiração católica, com Plínio Corrêa de Oliveira como presidente vitalício e Fernando Furquim de Almeida (1913-1981) como vice-presidente vitalício. Entretanto, o início da atividade pública da TFP remonta a 25 de julho de 1963. No mesmo ano, em novembro, é lançado o mais conhecido livro do prof. Plínio: “*Reforma Agrária, Questão de Consciência*”, livro examinado e autorizado por Dom Geraldo de Proença Sigaud e Dom Antônio de Castro Mayer. O livro foi lançado também na Argentina, Espanha e Colômbia, em dez edições e aproximadamente quarenta mil exemplares. Sobre a obra, afirma Silveira:

“A atuação do grupo também se deu no combate à “reforma agrária” como proposta pelo então governador de São Paulo, Carvalho Pinto, ecoando as ideias trabalhistas, uma versão brasileira da socialdemocracia, que atingiu o auge com a chegada de João Goulart (católico e grande estancieiro) à presidência da República, retirado por um golpe cívico-militar, que mobilizou amplos setores das classes alta e urbanas, banqueiros, industriais e militares do exército. [...] O livro entendia que estava em andamento uma “revolução agrária confiscatória” no país e, se a reforma se desse da forma proposta, o país caminharia inevitavelmente para um Estado comunista. A ideologia reacionária da TFP, continuada nas décadas seguintes, criava uma fantasia, o comunismo, que não encontrava sustentação na realidade sócio-política brasileira.” (SILVEIRA, 2019, p. 554-555).

Em 1966 a TFP e Plínio Corrêa de Oliveira colhem mais de um milhão de assinaturas de um manifesto contrário ao divórcio e publicam carta resposta nos principais jornais do Brasil, mostrando seu descontentamento em relação ao ataque proferido pela CNBB à associação. Esse descontentamento tem seu auge no ano de 1968, quando Plínio se põe a dirigir campanhas contra o clero que ele classifica como comunista e subversivo. Prof. Plínio envia cartas primeiramente

a Dom Hélder Câmara e posteriormente ao Papa Paulo VI, pedindo medidas fortes contra o comunismo que teria se instalado no clero brasileiro. Plínio e a TFP são ignorados por Dom Hélder, bem como pelo Vaticano, que também não enviou resposta.

Em 1969 o Papa Paulo VI promulga a nova missa, para corresponder aos desejos do Concílio Vaticano II. Neste mesmo ano, Plínio denuncia em edição especial da Revista “*Catolicismo*” a infiltração de grupos subversivos ocultos na Igreja que querem mudar a liturgia: “*Grupos ocultos tramam a subversão na Igreja*” é transcrito em jornais ou revistas em 9 países, e tem tiragem total de 256 mil exemplares. Posteriormente grupos oriundos da TFP (Arautos do Evangelho, Associação Cultural Monfort e Instituto Plínio Corrêa de Oliveira) terão como uma de suas principais bandeiras a luta contra a missa nova e a defesa do missal São Pio V.

Em 1970 dom Geraldo de Proença Sigaud rompe publicamente com a TFP, a qual responde com um comunicado de imprensa no periódico *Catolicismo*, Nº 239, novembro de 1970, pag. 8:

“No dia 2 de outubro p.p., à saída de uma audiência com o Presidente da República [General Emilio Garrastazu Médici, n.d.c.], no Rio, o Arcebispo de Diamantina, D. Geraldo de Proença Sigaud, fez declarações à imprensa a respeito da sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Essas declarações foram amplamente divulgadas pelos jornais diários, de norte a sul do País, tendo certo número destes armado um verdadeiro alarido publicitário em torno das palavras do Prelado mineiro. Transcrevemos de um matutino de São Paulo, para conhecimento de nossos leitores, o resumo da entrevista de D. Geraldo Sigaud:

“Após ser recebido ontem em audiência pelo General Médici, o Arcebispo de Diamantina, D. Geraldo de Proença Sigaud, informou que a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) afastou-se dele há mais de dois anos. A cisão, disse, foi consequência de seu apoio à reforma agrária do governo, que considera justa e cristã, e à reforma litúrgica determinada pela Santa Sé. Embora lamentando a dissensão, asseverou que, por um problema de consciência, não podia deixar de ajudar o governo ou ser contra o Papa”. (INSTITUTO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA, 2021).

Continua o documento:

“Afirmou aquele Prelado haver adotado sua nova atitude face à reforma agrária, porque “não podia deixar de ajudar o Governo”. Tal afirmação, feita à imprensa no momento em que o Sr. D. Geraldo Sigaud acabava de ser recebido pelo Exmo. Sr General Emilio Garrastazu Médici, Presidente da República, pode talvez criar a impressão de que a atitude antiagrorreformista da TFP tem um sentido de oposição ao Governo atual.

A esse respeito, a TFP lembra ao público que o livro “*Reforma Agrária — Questão de Consciência*” foi dado a lume em novembro de 1960, e “*Declaração do Morro Alto*” em novembro de 1964, isto é, muito anteriormente à ascensão do atual Governo.

O fato de continuar a TFP fiel a suas posições não tem qualquer sentido de oposição ao Governo. Resulta apenas de um imperativo de consciência. Assim agindo, a TFP tem a certeza de não entrar em choque com o atual regime, já que, segundo declarou recentemente à imprensa londrina o Sr Ministro da Justiça, Prof. Alfredo Buzaid, no Brasil ninguém sofre perseguição nem pressão por suas convicções políticas, e existe até um partido oposicionista, que “pode criticar o Governo, e de fato o faz”.

Importa acrescentar, por fim — e para evitar explorações — que de há muito a TFP não tem mais feito campanha contra a reforma agrária, por não julgar necessário.” (INSTITUTO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA, 2021)

Posteriormente, em meados dos anos 80 começou a crescer o número de acusações contra Plínio Corrêa de Oliveira e a entidade que dirigia. A 15 de Agosto de 1984, uma chamada de primeira página na “*Folha de S. Paulo*” dizia: “*Dissidência na TFP causa crise interna*”, causando surpresa por causa do crescente número de simpatizantes e membros. A matéria, assinalada por João Vitor Strauss, fazia referência ao desligamento do membro Orlando Fedeli (o qual viria a fundar a Associação Cultural Monfort), então há 30 anos na TFP. A resposta ao jornalista salientou que este membro foi seguido tão-só por 14 cooperadores, que assim deixaram intacta a grande maioria coesa e descontraída dos sócios e cooperadores da TFP: cerca de 1.200. Como a TFP havia respondido em três livros as acusações deste e de outro ex-membro chamado Giulio Folena, expulso em 1964 por ter sido pego em flagrante por lenocínio, Plínio disse que só voltaria

ao assunto no dia em que os acusadores tivessem uma refutação a altura dos teólogos nos quais a TFP se baseia.

Os conflitos da TFP com a sociedade moderna chegaram a se tornar agressivos. Assim afirma Zanotto:

A atuação pública da TFP acabou gerando alguns conflitos de rua durante as campanhas, situação que não arrefeceu o ímpeto proselitista dos seus membros. A luta tefepista também incluía polêmicas apaixonadas com seus interlocutores, muitas das quais culminavam com denúncias de subversão e súplicas aos poderes policiais por repressão, especialmente durante a ditadura militar. Como resultado deste proselitismo agressivo, grupos e partidos de esquerda, movimentos sociais diversos, grupos feministas, abortistas e divorcistas, grupos GLS, reformistas em geral, representantes do catolicismo social e expoentes da hierarquia e, em especial, a CNBB, se esforçaram por deslegitimar muitas das ações da TFP e mesmo questionar a sua vinculação ao catolicismo diante das campanhas ruidosas que promovia e do estatuto civil que a rege. Diante do que consideraram um avanço do progressismo católico, os tefepistas acabaram estabelecendo vários momentos de confronto doutrinário direto com a Igreja ou membros da hierarquia criando um clima desfavorável entre a associação e parte do clero. Todavia, tal animosidade não foi além de advertências e recomendações aos católicos próximos ou pertencentes à TFP de que atentassem para a realização de práticas pouco ortodoxas no interior da entidade findando com tais atuações não autorizadas pela hierarquia.” (ZANOTTO, 2011, p. 286-287)

Plínio Corrêa de Oliveira faleceu no dia 3 de outubro de 1995 e foi enterado no [Cemitério da Consolação](#), em [São Paulo](#), junto de sua mãe, Dona Lucília. Seu túmulo ainda é visitado e venerado por muitos.

A obra publicada de Plínio é composta de um acervo de mais de 2,5 mil títulos, entre livros e artigos de jornais e revistas. Colaborou ainda, entre os anos de 1968 e 1990, com o jornal diário [Folha de S. Paulo](#), para o qual escreveu dezenas de artigos. A maior parte dessas obras transpôs as fronteiras nacionais tendo sido editadas em diversos idiomas tais como espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, polonês, húngaro e vietnamita.

4. Grupos Fundamentalistas

Após a morte de Plínio Corrêa de Oliveira, a TFP (Tradição Família e Propriedade), grupo fundado por ele, se dividiu e assim surgiram dois grupos distintos: a Associação Cultural Monfort e os Arautos do Evangelho, fundadas por ex-membros da TFP. Essas duas associações têm caráter distinto, mas ambas discordavam do culto místico em torno de Plínio Corrêa de Oliveira (embora existam denúncias de adoração tanto do Prof. Plínio, como de sua mãe, Dona Lucília, entre os membros dos Arautos do Evangelho). Seus líderes são respectivamente o professor de história Orlando Fedeli e João Scognamiglio Clá Dias, feito monsenhor pelo papa João Paulo II em meados dos anos 2000. Ambas estão baseadas no estado de São Paulo e atuam em todo o Brasil, principalmente com o uso de mídias eletrônicas. Mais recentemente, em 2006, é fundado também o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, por iniciativa de Adolpho Lindbergh primo-irmão do prof. Plínio e também um de seus seguidores.

4.1 Arautos do Evangelho

O início dos Arautos do Evangelho se dá em 1997, com a Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima. Segundo Zanotto:

“Em agosto de 1997 fora criada a Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima (ACNSF) por um grupo de leigos liderados por João Scognamiglio Clá Dias. Sua proposta é de difusão da mensagem mariana contrarrevolucionária de Fátima com base na arrecadação de fundos por doação ou venda de livros e materiais. A ACNSF pode ser tida como entidade embrião para a futura Associação Arautos do Evangelho, visto que seus membros são essencialmente os mesmos e que aquela precedeu a segunda em cerca de dois anos. Em 21 de setembro de 1999, dom Emílio Pignoli, Bispo de Campo Limpo/SP, aprovava os estatutos dos AE, reconhecendo-lhe ante a hierarquia católica.” (ZANOTTO, 2011, p.282)

João Clá foi membro da TFP durante décadas e tido por muitos como um dos mais influentes seguidores de Plínio Corrêa de Oliveira. Como membro da sociedade, escreveu um livro sobre a mãe de Plínio, Lucília Corrêa de Oliveira, chamado *Dona Lucilia*, com prefácio do padre Antonio Royo Marin, O.P.

Tendo em vista a necessidade de formação intelectual, espiritual e doutrinária dos Arautos do Evangelho, instituição por ele fundada, Monsenhor João fundou o *Instituto Filosófico Aristotélico Tomista* (IFAT) e o *Instituto Teológico São Tomás de Aquino*, bem como o *Instituto Filosófico-Teológico Santa Escolástica* para o setor feminino. Para ajudar a cuidar das vocações dos jovens, promoveu a abertura de vários colégios de Ensino Médio, entre os quais o *Colégio Internacional Arautos do Evangelho*, na Grande São Paulo.

Em 2001, na sala Paulo VI, João Paulo II reconhecia como sendo de Direito Pontifício a Associação Internacional de Fiéis, Arautos do Evangelho. O cardeal José Maria Mejía diria que os Arautos do Evangelho seriam o “braço direito do papa” em sua luta contra a modernidade e as mudanças política, cultural e moral que prejudicam a sociedade e a Igreja Católica.

Em 2006, sob o papa Bento XVI, foram criadas duas organizações ligadas aos Arautos do Evangelho: a sociedade *Virgo Flos Carmeli*, dedicada à formação de sacerdotes e a Sociedade de Vida Apostólica de *Regina Virginum*, para as mulheres de vida consagrada. Tais sociedades são responsáveis pelo atendimento de confissões em uma paróquia de São Paulo, assistência religiosa em hospitais e publicação de livros e de uma revista ligada aos Arautos.

Os Arautos do Evangelho são conhecidos pela defesa da antiga missa em latim, pela revalorização da adoração tradicional ao Santíssimo, pela defesa da comunhão na boca e de joelhos e por sua rigorosa disciplina de inspiração militar. São também defensores da arte, principalmente no campo musical (orquestras, grupos e coros). Segundo seu site na internet:

“Por verem na cultura e na arte eficazes instrumentos de evangelização, os Arautos habitualmente lançam mão da música, tanto pelas vozes como pelos instrumentos.

Assim é que grande número de coros, orquestras e conjuntos musicais foram constituídos por Arautos. Dessa forma levam sua mensagem de fé e de esperança à sociedade contemporânea. Ademais, esse papel tão importante da arte tem sido ressaltado pelo Papa Bento XVI – ele mesmo um grande apreciador de música – em várias ocasiões. Por exemplo, nas palavras finais de agradecimento pelo concerto oferecido pelo Presidente da República Italiana por ocasião do terceiro aniversário do pon-

tificado, a 24/04/2008:

Existe uma misteriosa e profunda relação entre música e esperança, entre canto e vida eterna: por este motivo a tradição cristã representa os espíritos bem-aventurados, enquanto cantam no coro, raptados e extasiados pela beleza de Deus. Porém a arte autêntica, como a oração, não nos torna alheios à realidade cotidiana; mas nos conduz a ela para “impregná-la” e fazer que reviva, para que dê frutos benéficos e paz”. (ARAUTOS.ORG, 2022).

Sua disciplina e organização faz com que tenham milhares de seguidores nas mídias sociais, possuindo um canal de TV no YouTube e perfil oficial no Facebook. Seu marketing tem sido extremamente eficiente no recrutamento de novos membros, principalmente entre os jovens. Têm também uma extensa publicação de revistas com periodicidade mensal, financiada principalmente por doações. (Disponível em <<https://revistacatolica.com.br/>> Acesso em 12 jan. 2022)

Os Arautos do Evangelho têm sido investigados pelo Vaticano devido a uma denúncia feita a Roma de uma “sociedade secreta” entre seus membros na qual se praticava o culto pela mãe de **Plínio Corrêa**, Dona **Lucilia**, pelo próprio Corrêa e por **João Scognamiglio Clá Dias**. Um culto que a Igreja não permite.

Dos membros do grupo surge um certo milenarismo: alguns dos “**Arautos**” estariam convencidos de que, graças à Virgem de Fátima, estaria chegando o apocalipse em que o Monsenhor **João Scognamiglio Clá Dias** triunfará. Comentam os sacerdotes dos ‘Arautos’ sobre exorcismos em suas dependências, nos quais o diabo anuncia que o próprio Fundador se tornará Papa (“As chaves pontificias estão nas mãos do demônio, mas estão por passar para as mãos de Dom João”). Um demônio através de uma pessoa exorcizada teria dito: “Jogue-me mais água benta, mas não jogue a água que passou pelas mãos de Dom João”.

4.2 Associação Cultural Montfort

O professor de história Orlando Fedeli, antigo membro da TFP, criou em 1983, na Cidade de São Paulo, uma associação de leigos católicos, chamada Associação Cultural Montfort. Segundo o estatuto do grupo eles se declaram ligados às orientações de Dom Antônio de Castro Mayer (excomungado juntamente com o bispo Marcel Lefêbvre, pelo Papa João Paulo II) e assumem a

defesa do rito Tridentino. Seu objetivo é a defesa da Igreja Católica e de seus ensinamentos e contra os “modernismos” propagados pelo Concílio Vaticano II.

Segundo eles o nome se deve a dois personagens europeus: São Luís Maria Grignion de Montfort (1673 - 1716), defensor da devoção mariana, e Simão de Montfort (1160/1165 (?) – 1218), líder da cruzada contra a seita cátara no sul da França.

Suas principais atividades são palestras, congressos, reuniões na sede e cursos e vídeos divulgados há mais de 10 anos no YouTube. Os assuntos mais comuns são a defesa das missas em latim, inclusive ministrando cursos para padres que se mostrem interessados. Segundo Silveira:

“Entre suas principais atividades está a realização de palestras, congressos, reuniões semanais na sede, localizada na cidade de São Paulo, e através do portal eletrônico que mantém-se atualizado mesmo depois da morte do fundador, ocorrida em 2010. Com a morte do fundador, a direção passou às mãos de sua mulher, assessorada por dirigentes eleitos entre os associados, que chegam aos milhares espalhados pelo Brasil. Os membros recrutados pela Associação Montfort, têm origem em mais diversos meios, em especial os meios universitários e estudantis.” (SILVEIRA, 2019, p. 561).

Passaram a se dedicar a difundir a missa Gregoriana por todo o Brasil colaborando com todos aqueles que desejassem a missa neste rito. Essa colaboração se estende a muitas atividades dentre as quais destaca-se o ensino de latim, do gregoriano, confecção de livretos para acompanhamento da missa, aulas sobre o rito tridentino, obtenção de paramentos e do material litúrgico para os padres, conscientização dos padres sobre a importância de atender aos pedidos dos fiéis e organização de visitas de padres que já celebram o rito extraordinário para aqueles que desejam aprender este rito. Seu trabalho acabou atingindo praticamente todas as principais capitais do Brasil e várias cidades do interior do Estado de São Paulo.

Segundo a descrição em seu site, na internet:

“Nosso apostolado é realizado através de palestras por todo o Brasil, congressos, reuniões semanais em nossa sede e através deste site. O método de apostolado dos membros da Monfort é um método apolagético que consiste basicamente na exposi-

ção da doutrina católica, através do catecismo, da repetição do ensinamento dos padres e doutores da Igreja, especialmente São Tomás de Aquino e das encíclicas papais. Este método em geral é bastante eficiente e acaba por ter grande resultado junto à juventude, que se surpreende com a argumentação apresentada, em contraste com a forma sentimental com que a fé é tratada em muitos ambientes católicos no Brasil.

Além disso, valorizamos a cultura e incentivamos nossos amigos a conhecer a boa música e a boa arte, e com esse intuito constituiu-se o coral Montfort, o qual já possui uma série de CDs gravados e realiza suas apresentações nos diversos eventos por nós promovidos.

Outra característica marcante da Montfort são as famílias que freqüentam nossa Associação. Um membro da Montfort não se contenta em repetir a doutrina e a moral católica, é necessário praticá-la. Desta forma, é muito comum que nossos casais possuam muitos filhos, o que torna nossa sede sempre cheia de crianças e de muita alegria. E consideramos alegria ainda maior as vocações que tiveram e que continuam tendo origem na Montfort. É uma grande satisfação para nós podermos entregar nossos filhos para a Igreja Católica.” (MONFORT. ORG.BR, 2021)

Em comum com os Arautos do Evangelho, além da defesa da missa e orações em latim, está a valorização da música e da arte sempre fugindo do que consideram moderno. São motivos de “guerra cultural” a sexualidade, a questão de gênero, reprodução feminismo, homossexualismo, sendo refratários e até por vezes beligerantes ao diálogo fraternal e sincero com a sociedade e com o mundo moderno.

4.3 Instituto Plínio Corrêa de Oliveira

O Instituto Plínio Corrêa de Oliveira foi fundado em 8 de dezembro de 2006 por um grupo de discípulo do líder católico brasileiro, por iniciativa do engenheiro Adolpho Lindenberg, seu primo-irmão e um de seus primeiros seguidores.

Sua sede social situa-se no bairro de Higienópolis, em São Paulo, no mesmo casarão que serviu de local de reuniões da TFP e do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira.

Alegam ter por finalidade:

“- Fazer conhecer no Brasil e no Exterior, as obras, o pensamento contrarrevolucionário, a atuação e repercussão (mais de 1000 obras extramuros) de meio século de sua luta antissocialista, anticomunista e antiprogressista em defesa da Igreja, da Civilização Cristã, do Brasil.

- Dar continuidade a seu vasto trabalho de mobilização da sociedade civil, com vistas a preservar os pilares básicos da Civilização Cristã ameaçados pela Revolução anticristã.

- Analisar a realidade brasileira e internacional à luz dos ensinamentos da doutrina Católica expostos pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira e tomar posição pública ante os principais problemas religiosos, políticos, culturais, sociais e econômicos, em nome das concepções histórico-doutrinárias e diretrizes de ação delineadas na sua obra-mestra Revolução e Contrarrevolução.

- Dar formação à juventude em nome das verdades da Fé católica e dos princípios expostos em seus livros, artigos, e manifestos que ultrapassam 3 mil títulos.” (Disponível em <<https://ipco.org.br/quem-somos/>> Acesso em 12 jan. 2022)

O grupo também possui página no *YouTube*, onde publica cursos e palestras. Já conta com mais de 170 mil inscritos e por volta de 850 vídeos.

Em seu site, convocam seus seguidores para uma luta contra as imoralidades da sociedade moderna e pedem doações para que essa luta se torne possível:

“Os inimigos da família estão continuamente agindo para impor a nosso País sua agenda destrutiva e totalitária e destruir a inocência e a própria identidade de nossas crianças.

É justamente por essa contínua ameaça que não podemos cruzar os braços!

Os jovens caravanistas dedicam o melhor de seu tempo para esta tão importante luta em defesa dos Princípios Perenes da Civilização Cristã, **mas muitas vezes têm que travar este combate sem os devidos meios.**

Sua contribuição mensal (que pode ser modificada ou cancelada a qualquer momento) **nos permitirá planejar melhor as nossas próximas campanhas, caravanas e ações**, providenciar todo o material de que necessitamos (banners, manifestos e panfletos) e assumir compromissos responsabilmente, com a segurança de que poderemos honrá-los.

Além de ajudar-nos a aumentar a eficácia de nossa ação, **você estará fazendo sua parte por um Brasil livre da “Ideologia de Gênero” e comprometido com a Sagrada Instituição da Família.**” (Disponível em <<https://ipco.org.br/quem-somos/>> Acesso em 12 jan. 2022)

4.4 Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura

O Centro Dom Bosco foi fundado em 17 de setembro de 2016 no Rio de Janeiro por um grupo de universitários católicos.

Segundo seu site:

“Desde a fundação em 17 de setembro de 2016, o conceito permanece o mesmo: somos uma família que reza, estuda e defende a fé. Homens e mulheres na condição de leigos católicos que, unidos, buscam levar uma vida a serviço da Santa Igreja. Estudamos a doutrina bimilenar a fim de resgatar o que foi perdido por causa do modernismo e das diversas infiltrações na estrutura eclesial.” (Disponível em <<https://membros.centrodombosco.org/>> Acesso em 22 abr. 2022).

Sobre o grupo, afirma Gama:

Alcançou reconhecimento midiático através de ações judiciais contra o grupo humorístico *Porta dos Fundos*, primeiro no ano de 2018 contra a *sketch* “O céu católico” e “Ele está no meio de nós”. Em de 2019 seguiu-se nova ação movida pela organização de inspiração católica contra o grupo humorístico, desta vez numa tentativa de impedir a exibição de uma *sketch* especial de Natal que reproduziria a Jesus Cristo em situações que, para o grupo, seriam ultrajantes. Já no ano de 2021 o CDB ganhou em primeira instância uma ação judicial contra o movimento “Católicas pelo direito de decidir”, numa tentativa de impedir a utilização do nome de católicas por uma organização que apoiava o aborto.

Todas essas ações assumidas pelo CDB são, para além de uma tentativa de impor o que entendem ser o código de moral católico na sociedade, uma demonstração de como grupos católicos minoritários e radicalizados ganham expressão e marcam sua presença, garantindo a esse setor que durante muito tempo permaneceu apagado uma coesão interna e novas possibilidades de organização através de figuras difusoras como as organizações do campo do laicato católico. (GAMA. 2021, p. 1-2)

O grupo se posiciona politicamente em vídeos contra o ex Presidente Luís Inácio Lula da Silva e contra Marcelo Freixo, além de outros expoentes e movimentos de esquerda. Jamais se posicionaram claramente a favor do Presidente Bolsonaro, mas seus vídeos são divulgados amplamente em redes sociais por movimentos bolsonaristas.

Recentemente o grupo entrou em evidência tanto nas mídias sociais, como também televisivas devido ao comportamento da atriz Cassia Kis que em vídeo para o Centro Dom Bosco, convidou brasileiros para rezar em uma vigília no dia 07 de setembro de 2022 pela libertação do Brasil dos braços do comunismo. A atriz continuou marcando presença em manifestações bolsonaristas e sua ação foi elogiada pela direita e criticada por opositores do Presidente Jair Bolsonaro.

5. Considerações finais

A recepção do Concílio Vaticano II no Brasil e na América Latina não calou ou enfraqueceu grupos de presbíteros ou fiéis leigos conservadores no Brasil. Porém sua atuação não apresenta muita influência na Igreja, perante os fiéis ou a grande mídia.

Todos esses grupos conservadores alegam estar em comunhão com Roma e podem ser considerados “filhos de Plínio Corrêa de Oliveira e da TFP”, uma vez que seus líderes são oriundos da TFP e mesmo discordando entre si, mantêm um discurso de defesa da ortodoxia católica, usando como ferramenta em comum a defesa da missa em latim em contraposição ao missal de Paulo VI e seus valores sociais tradicionalistas. Em especial o Centro Monfort e os Arautos do Evangelho defendem a obediência ao Papa enquanto também procuram apoio político com a defesa do Estado, sempre com valores conservadores e em oposição à modernidade. Essa estratégia não os coloca em confronto com Roma e tem a intensão de aproximá-los do poder político, assim como ocorreu com Plínio Corrêa de Oliveira.

Embora sejam defensores da obediência ao Papa e à Roma, são críticos das posições do Papa Francisco em relação à pobreza, à relação com o público LGBTQIA+, à acolhida ao imigrante, ao ativismo ambiental e outras pautas sociais. Porém as críticas não chegam a ser agressivas e dizem que o fazem para a defesa da doutrina católica e em conformidade com documentos da Igreja como o *Syllabus Errorum Modernorum* e as encíclicas *Mirari Vos Arbitramur* e *Quanta Cura*.

Com o avanço das redes sociais e sua consequente popularização, esses grupos conservadores e fundamentalistas conseguiram uma visualização ini-

cialmente desprezada por setores progressistas. Desta maneira, suas ideias não foram confrontadas e o número de seguidores tem aumentado com o tempo. É interessante notar que, apesar de seu discurso tradicionalista e conservador, relativizando a liberdade religiosa, contra a união civil de pessoas de mesmo sexo e contra o aborto, essas associações têm encontrado apoio justamente entre os jovens, que hoje são a maioria de seus seguidores. Contudo essa adesão dos jovens (entre eles diversos seminaristas) não tem afetado consideravelmente a posição da Igreja Católica no Brasil frente à Doutrina Social, misericórdia e defesa das minorias. Essa adesão tem se mostrado predominante nas redes sociais, mas sem grandes reflexos nas comunidades. Mesmo sua tentativa de aproximação a lideranças políticas não tem gerado grandes resultados, mas apenas uma ou outra notícia na imprensa sem maiores consequências.

O ideal proposto desde os anos 30 por Plínio Corrêa de Oliveira continua ecoando nessas instituições acima citadas e ainda em outras menores, angariando seguidores principalmente devido à penetração conseguida entre jovens por meio de suas mídias sociais divulgadas amplamente na internet.

A polarização política recente no país, reascende o fantasma da doutrinação comunista nas escolas e Universidades, como pregado pelo prof. Plínio, contribuindo com o avanço de ideias fundamentalistas e está formando não só um novo perfil de fiel, mas também um novo clero mais focado na tradição e pensamentos conservadores.

Referências

- ASSOCIAÇÃO CULTURAL MONFORT. Disponível em < http://www.montfort.org.br/bra/home/quem_somos/> Acesso em 20 out. 2021.
- ARAUTOS DO EVANGELHO. Disponível em <<https://www.arautos.org>> Acesso em 12 jan. 2022.
- CALDEIRA, R.. *Os Baluartes da Tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*, Curitiba: Editora CRV, 2014.
- CALDEIRA, R.. *Bispos Conservadores Brasileiros no Concílio Vaticano II (1962-1965): D. Geraldo de Proença Sigaud e D. Antônio de Castro Meyer*. Horizonte. Belo Horizonte. 30 jan. 2012. Disponível em < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n24p1010/3397>> Acesso em 18 jun. 2021.

- CALDEIRA, R.. *Um bispo no Concílio Vaticano II. Dom Geraldo de Proença Sigaud e o Coetus Internationalis Patrum*. Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis. 20 fev. 2011. Disponível em < <https://doi.org/10.29386/reb.v71i282.1033> > Acesso em 18 jun. 2021.
- CENTRO DOM BOSCO. Disponível em; <<https://membros.centrodombosco.org/>> Acesso em 22 abr. 2022
- DE MATTEI, R.. *O Cruzado do Século XX: Plínio Corrêa de Oliveira*. Porto: Civilização, 1996.
- DE MATTEI, R.. *O Concílio Vaticano II - Uma história nunca escrita*. São Paulo: Ambientes & Costumes Editora Ltda., 2013.
- GAMA, V. A. *O Centro Dom Bosco e a Atuação Política da Nova Direita Católica*. ANPUH – Brasil – 31 Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em <https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628535373_ARQUIVO_e61546f3a9cf304ee8f4aa6ee2d39b1e.pdf> Acesso em 17 jun. 2021.
- INSTITUTO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA. *Dom Geraldo Sigaud e a TFP – Comunicado de Imprensa*. Catolicismo. São Paulo. Nov. 1970. Disponível em < https://www.pliniocorreadeoliveira.info/MNF_701007_dsigaud_tfp.htm > Acesso em: 20 jun. 2021.
- IPCO. Disponível em <<https://ipco.org.br/quem-somos/>> Acesso em 12 jan. 2022.
- O'MALLEY, J. W. *O Que Aconteceu no Vaticano II*, São Paulo, Edições Loyola Jesuítas, 2014.
- REVISTA CATÓLICA. Disponível em <<https://revistacatolica.com.br/>> Acesso em 12 jan. 2022.
- SILVA, A. O. da. *O Pensamento Conservador*. Revista Espaço Acadêmico 9 (10), 53-55. Maringá. Abr. 2010. Disponível em <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9912/5472>> Acesso em 17 jun. 2021.
- SILVEIRA, E.J.S. *Reacionarismo católico ontem, hoje e sempre... Os “vencidos” do catolicismo na modernidade*. Revista Eclesiástica Brasileira V. 79 n. 314, 541-570. Petrópolis. 2019. Disponível em <<https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/issue/view/127>> Acesso em 12 jan.2022.
- ZANOTTO, G. *Os Aurotos do Evangelho no Espectro Católico Contemporâneo*. Revista Brasileira de História das Religiões Ano VI n.10, 279-298. Maringá. Mai. 2011. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf9/13.pdf>> Acesso em 12 jan. 2022.